

EDUCAÇÃO E NAZISMO: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Jhenifer da Silva Lemos Favorito

Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Pires do Rio
jheniferfavorito@hotmail.com.br

Juliana Maria Corallo Quinan

Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Pires do Rio
jmcquinan@ig.com.br

Resumo

Este trabalho analisa a educação nazista e sua influência na formação do caráter intelectual e moral nos dias de hoje. Diante das proporções que Adolf Hitler tomou durante o período da Segunda Guerra Mundial, procura-se entender os fatos ocorridos anteriormente que justificam as práticas do sistema totalitarista exercido no século XXI. Um fenômeno, assumidamente responsável por milhares de assassinatos no mundo, foi objeto de investigação: o neonazismo. As dimensões sociais, mitológicas, históricas e políticas destas práticas, priorizando uma discussão acerca da banalização do mal. A metodologia utilizada se baseou em pesquisa compilava bibliográfica. Foram utilizados os autores: Ziemer (1943), Hannoun (1997), Chauí (2001), Mondadore (1975), Bleuel (1973), Bartoletti (2006), Brandt (2011), Koch (1973), Severino (1983), Almeida (2004) e entre outros. A partir desta pesquisa faz-se notável que o povo, seguia e confiava em Hitler e na doutrina por ele edificada; acreditavam que ele de fato, encontrava-se revestido de um poder divino que o tornava capaz de conduzir a nação de forma a acabar com todos os sofrimentos que ora experimentavam, alcançando finalmente, a glória há muito desejada e essa mistificação segue desde de 1943 até os dias atuais.

Palavras-chave: Educação; Nazismo; Doutrinação; Neonazismo; Ideologia.

Abstract

This work analyzes the Nazi education and its influence in the formation of the intellectual and moral character these days. In view of the proportions that Adolf Hitler took during the period of World War II, we try to understand the facts that occurred



previously that justify the practices of the totalitarian system exercised in the 21st century. One phenomenon, assumed to be responsible for thousands of murders in the world, was investigated: neo-Nazism. The social, mythological, historical and political dimensions of these practices, prioritizing a discussion about the trivialization of evil. The methodology used was based on compiled bibliographical research. The authors were: Ziemer (1943), Hannoun (1997), Chauí (2001), Mondadore (1975), Bleuel (1973), Bartoletti (2006), Brandt (2011), Koch Almeida (2004) and among others. From this research it is notable that the people followed and trusted Hitler and the doctrine he built; believed that he was in fact clothed with a divine power that made him capable of leading the nation in order to end all the sufferings that he now experienced, finally reaching the long-desired glory and this mystification continues from 1943 until the present day.

Keywords: Education; Nazism; Indoctrination; Neo-Nazism; Ideology.

Introdução

A história da humanidade encontra-se permeada de fatos e acontecimentos sob os mais distintos enfoques, vinculados aos mais diversos modelos de sistemas políticos e governamentais e de consequentes teorias, tanto ideológicas quanto educacionais, que se apresentam como uma ferramenta de extrema utilidade para aqueles que pretendem dedicar-se à arte de educar, visto que, o conhecimento possibilitado por um estudo analítico e crítico em torno suas articulações traz inúmeras possibilidades de reflexões, as quais podem contribuir favoravelmente para a melhoria da educação, com vistas à formação do indivíduo enquanto sujeito desta educação, tanto no presente como no futuro. Portanto, o objetivo deste trabalho é entender qual foi o papel da educação nazista durante o período da Segunda Guerra Mundial e sua influência na criação de grupos neonazistas no Brasil nos dias de hoje.

O presente trabalho apresentado se desenrola a partir da curiosidade que surgiu pelo tema de se estudar a importância da educação neste período. Sendo desenvolvidas: análise bibliográfica, sobre o contexto histórico, social, econômico e educativo, com a finalidade de proceder ao levantamento e revisão de dados e informações em torno dos principais fatores que contribuíram para a ascensão do Partido Nazista, na figura de seu líder, Adolf Hitler.



O período correspondente ao Terceiro *Reich* Alemão¹ (1933-1945), quando a Alemanha esteve sob o domínio de um governo totalitário – o Regime Nazista – que foi marcado pelo envolvimento “voluntário” de milhões de crianças e jovens na luta em favor de uma causa que não lhes pertencia, as quais foram “doutrinadas”, desde a mais tenra idade, para matar e morrer – se preciso fosse – em nome de um líder, de um ideal e de uma pátria: a Alemanha.

Partindo desta premissa e tendo em vista que a educação – formal e informal – foi um dos veículos condutores desta doutrinação, buscou-se, por meio da revisão bibliográfica, contextualizar sob os enfoques: histórico, político, social e cultural o período em questão, no sentido de buscar conhecer e compreender quais os fatores que contribuíram para a ascensão do nazismo e, principalmente, quais os elementos utilizados e de que forma estes foram incorporados à educação. Uma de suas grandes marcas evidenciam-se na anulação da identidade individual em favor da coletiva – o *Völk*² –, em favor de um líder e de uma pátria.

Estruturou-se a pesquisa com base qualitativa em caráter historiográfico e exploratório, tendo como metodologia a pesquisa bibliográfica, que se configura pela realização de estudos “a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc.” (Severino, 2007, p. 122).

A contextualização acerca do sistema e do processo educativo nazista, cujo fim maior – seguindo a concepção de mundo e de sujeito idealizada pelos nazistas – se constituía basicamente em converter os educandos em “bons nazistas”. A educação no Terceiro *Reich* – objetivando proporcionar uma visão em torno de todos os aspectos relativos à educação escolar, no sentido de permitir a compreensão da sua utilização como aparelho de manipulação e dominação do inconsciente infantil e juvenil a serviço do poder. São diversas as indagações que permeiam este tema, o regime totalitário nazista, era realmente apenas uma educação militarista ou uma domesticação em série de indivíduos em formação de seu caráter intelectual?

Processo de Nascimento, Crescimento e Consolidação do Nazismo e a Segunda Guerra Mundial

¹ Terceiro *Reich* Alemão – Terceiro Reinado Alemão

² *Völk*- Juventude



Educação ou Domesticação?

O processo de nascimento, crescimento e consolidação do nazismo na Alemanha ocorreu de forma semelhante ao processo fascista na Itália (1922),³ onde Mussolini consolidou o fascismo e realizou um governo de conciliação nacional e caracterizado pela violência e pelo fortalecimento do capitalismo. Em 1921, foi criado o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, tinha por intuito defender a população alemã e revigorar os tempos de glória: “[...] ainda no início de seu partido, que tudo dependia de suggestionar as massas, compreendendo que era preciso dar novamente aos alemães, privados de seu exército, bandeiras, bandas militares e canções. Coisas essas que os republicanos haviam negligenciado” (Barcelos, 2004, p. 117 e 118).

Tendo-se passado nove anos, o partido conquistou o povo pelo voto e conseguiram eleger muitos deputados. A burguesia alemã, temendo a expansão do socialismo, financiou a criação do Partido Nazista, liderado por Adolf Hitler. E foi pelo descontentamento que Adolf Hitler ergue sua voz propondo esperança de dias melhores ao povo:

Apelando para a convicção do povo alemão de que tinham sido brutalmente oprimidos pelos vencedores da guerra, logo conseguiu uma larga audiência. Falava da grandeza nacional e da superioridade racial nórdica, denunciava judeus e comunistas como aqueles que haviam apunhalado a Alemanha pelas costas e levado o país à derrota, e por meio de um programa intensivo de propaganda criou o Partido Nacional-Socialista, que em 1932 tinha 230 lugares no Parlamento alemão e cerca de 13 milhões de adeptos. (Herridge, 1990, p. 12)

Com o início da Segunda Guerra Mundial, foram criadas escolas para se propagar os ideais nazistas de Adolf Hitler, para que todas essas crianças já soubessem desde pequenas a quem elas deveriam louvar: “A educação nazista despreza a antiga pedagogia. Nas escolas de Hitler, a educação não é o resultado de uma evolução gradativa, mas sim de uma revolução. Baseia-se no conflito e na vitória política.” (Mondadore, 1975, p.18).

³ Processo fascista na Itália - No período de 1925 a 1929, Mussolini implantou a ditadura fascista e tornou-se o Duce (aquele que dirige), chefe supremo do Estado. Empreendeu reformas na economia, principalmente no setor bélico e promoveu uma intensa doutrinação da juventude. Invadiu a Etiópia em 1936, dando início ao que se acredita ser o “ressurgimento do Império Romano.” (Massuko, 2006, p.72)



Quando Hitler ascendeu no cenário alemão, o Estado encontrava-se completamente arrasado economicamente; grande parte de sua população encontrava-se desempregada e beirando a miséria. Desta forma, crianças foram treinadas para assumirem uma postura militarista hitleriana, aceitando e absorvendo ensinamentos que lhes eram ministrados.

O ambiente escolar constituiu-se em um local apropriado para conceber novos conhecimentos de crianças e jovens alemães. Sendo assim, a escola regular passou a desempenhar o papel de condutor do pensamento nazista e mais do que isso passou a exigir a uniformidade intelectual no que diz respeito à ideologia propagada pelo Partido:

O papel desempenhado pela educação em todas as utopias políticas, a partir dos tempos antigos, mostra o quanto parece natural iniciar um novo mundo com aqueles que são por nascimento e por natureza novos. No que toca a política, isso implica obviamente um grave equívoco: ao invés de juntar-se aos seus iguais, assumindo o esforço de persuasão e correndo o risco do fracasso, há uma inversão ditatorial, baseada na absoluta superioridade do adulto, e na tentativa de produzir o novo como em *fait accompli*, isto é, como se o novo já existisse. Por esse motivo na Europa, a crença de que se deve começar das crianças se se quer produzir novas condições permaneceu sendo principalmente o monopólio dos movimentos revolucionários de feitio tirânico que, ao chegarem ao poder, subtraem as crianças a seus pais e simplesmente as doutrinam. (Arendt, 2009, p. 225, 226)

As forças criadoras desta ideologia se baseiam nos valores de raciais. O Estado tinha a obrigação de conservar e manter a melhoria desta civilização. Enfatizando a hierarquização dos indivíduos pela escolha de sua raça, e pela seleção de genes, unidos pelo sangue:

[...] os teóricos nazis – partem de um facto racial, a saber a comunidade do povo alemão (Volkstum), assente na raça. Os membros desta comunidade reconhecem-se pelos laços de sangue. Longe de assentar num contrato social livremente aceite, a comunidade alemã é um facto, um fator fisiológico. A língua alemã, é a verdadeira célula única aos olhos do Todo-Poderoso. (Hitler apud Hannoun, 1997, p.26)

O slogan da juventude, durante o III *Reich* alemão, é o famoso *Der Führer Wird's Schon Machen* (O Führer Saberá Fazê-lo). Este culto da pessoa não se observa apenas ao nível do povo. Cada indivíduo sabe a quem deve seguir, como ressalta Hannoun: “Cada um deve obedecer à <natureza> sob a forma que ela adquire na raça



que é, ela própria, expressa pelo *Übermensch*⁴ que é o próprio Führer. A obediência à natureza e à raça é o caminho ideológico que conduz ao absolutismo de um homem” (1997).

Este ser em comum dissolve completamente o ser que é o meu na forma de ser de <outrem>, de tal modo que os outros desaparecem naquilo que têm de distinto e de expressamente particular. Esta situação de indiferença e de indistinção permite à massa desenvolver uma ditadura característica... O ser-em-comum procura impor tudo o que está em conformidade com a média... A preocupação com a média esconde uma nova tendência de ser, a que chamamos o nivelamento de todas as possibilidades do ser. (Hannoun, 1997, p. 127)

Hannoun (1997) ressalta que, “[...] o super-homem saído do Volk, encontra a sua expressão na própria pessoa de Hitler. O próprio filósofo M. Heidegger (H – 118) escreve em 1933: o próprio Führer, e apenas ele, é a realidade alemã de hoje e do futuro, bem como sua lei” (p. 127).

Existia um modelo de postura a seguir por todos os homens do partido, chamado super-homem. A situação do super-homem no grupo é onde encontramos em primeiro lugar, o desprezo e a rejeição da massa tal como a encontramos em Hitler. Era tido como um modelo a ser seguido pela raça ariana, como diz Hannoun: “[...] é capaz de emergir do anonimato, da multidão. [...] o primado do grupo sobre o indivíduo reivindicado pela ideologia nazi e o <socialismo> que ela ostenta não são mais do que questões preparatórias da emergência do super-homem” (1997, p.128).

Assim, o indivíduo da massa deve pensar e agir segundo as virtudes de sua raça, a qual exprime por intermédio do indivíduo superior que possui as suas virtudes, o *Übermensch*.

A Ideologia Nazista se baseava na questão biológica de seus indivíduos, como diz Hannoun, “(...) é como se as marcas da história e das condições materiais de existência de um povo se inscrevessem ao nível do seu genótipo, associado ao seu sangue, fonte última de explicação dos seus comportamentos.” (1997, p. 23).

Os conceitos ideológicos que embasavam as ideias e os ideais de seu líder Adolf Hitler, em relação à superioridade racial alemã e ao antissemitismo, dada a

⁴ *Übermensch* - Descrito no livro *Assim Falou Zaratustra (Also sprach Zarathustra)*, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, em que explica os passos através dos quais o Homem pode tornar um 'Além-Homem' (homos superior, como no inglês *Beyond-Human* a tradução também pode ser compreendida como *Além-do-humano* ou *Super-Homem*).

importância da incorporação das teorias que faziam parte do seu imaginário na organização e fundamentação do partido, conseqüentemente, do Regime implantado na Alemanha, desta forma:

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. (Chauí, 2003, p. 108)

Não se leva em conta a desigualdade social ou econômica, mas pela sua raça: “A única distinção aceitável entre dois seres humanos, numa perspectiva nazi, não é, portanto, a sua diferença de nível de vida, mas a que opõe o Alemão (ariano) ao não-Alemão, a raça superior à raça inferior.” (Hannoun, 1997, p. 24). O conceito da palavra raça, é ligado a palavra haereditas: “[...] série de indivíduos concertados para um determinado fim, conspiração ou conjunção.” (Hannoun, 1997, p. 68).

Além da distinção de raça, existem, alguns critérios impostos pelos grupos dominantes:

A história do conceito de raça permite distinguir três tipos de critérios de diferenciação dos grupos humanos: os critérios externos aparentes (anatomia, morfologia, pigmentação, dimensões, etc.), os critérios psicológicos (ativos, indolentes, impulsivos, submissos, etc.) e, por último, os critérios genéticos. (Hannoun, 1997, p.69)

É um conjunto de povos que dependem destas leis sociobiológicas, que faz com que o seu destino seja inscrito pelo seu sangue, Hannoun salienta esta ideia de modo que: “Assim, a tarefa do Estado racista é zelar para que seja escrita uma história universal na qual a questão da raça aparecerá em primeiro plano (MK 420).” (1997, p. 27).

Em 1895, Alfred Ploetz publica uma obra sobre o valor da raça, trazendo à tona ideias eugénicas da degeneração corporal que ameaça a civilização humana:

O valor da raça e a protecção aos fracos, onde exige abertamente medidas de tipo eugénico. Em 1904, cria os <Arquivos de biologia racial e de biosociologia>. Com ele, o arsenal que em breve será o da sociobiologia fica quase integralmente a postos. Na mesma época, em 1903, o psiquiatra alemão Ernst Rüdin pede que seja tornada obrigatória a esterilização dos portadores de degenerações hereditárias. (Hannoun, 1997, p.180)



Em função de sua raça, o indivíduo deve servir ou desaparecer. É um meio de preservação de sua raça. Assim, para os eugenistas, em primeiro e último lugar é essencialmente, situar-se no plano sociobiológico de preservação da raça.

Para que o indivíduo fosse reconhecido e apontado como pertencente à espécie superior, deveria apresentar determinadas características físicas que o tornaria facilmente reconhecível, além de demonstrar ser portador de grande coragem e determinação, atributos capazes de conduzi-lo de forma eficiente e segura nos momentos em que se deparasse com situações que lhe exigisse posicionamento e ação rápida e eficaz.

Sob o ponto de vista desse pressuposto, de acordo com Hannoun, o objetivo da formação de uma pessoa não seria o seu desenvolvimento individual, mas “[...] assegurar a seleção dos melhores no seio de um grupo [...]”, ideia que, segundo o autor, é confirmada pelas palavras de M. Heidegger “quando recorda (C-100) que o fim da universidade é educar e disciplinar os dirigentes que controlam o destino do povo alemão” (1997, p.130).

Alicerçado na reflexão em torno das condições sociais a que a camada mais baixa da sociedade estava submetida, construiu suas ideias sobre a necessidade de uma reestruturação social e da perpetuação do orgulho nacional, questões que, naquela época, não conseguia visualizar no contexto da capital austríaca.

O problema da “nacionalização” de um povo deve começar pela criação de condições sociais sadias como fundamento de uma possibilidade de educação do indivíduo. Somente quem, pela educação e pela escola, aprende a conhecer as grandes culturas econômicas e, sobretudo, políticas da própria Pátria, pode adquirir e adquirir, certamente, aquele orgulho íntimo de pertencer a um tal povo. Só se pode lutar pelo que se ama, só se pode amar o que se respeita e respeitar o que pelo menos se conhece. (Hitler, 1983, p. 33)

Sabendo da importância da educação para a formação do ser humano como ser social e intelectual, Hitler aponta as necessidades de se usar a educação em sua filosofia nazista:

[...] em 1932, Hitler expôs insistentemente os motivos que o levaram a, de uma vez por todas, suprimir aquilo que então se convencionara chamar de educação geral. A seguir, esboçou sua bárbara receita: “A educação geral é o veneno mais desintegrador e dissolvente já descoberto pelo liberalismo para a sua própria destruição. A plena

liberdade educacional é um privilégio da elite e de mais uns poucos a que ela proporciona tal acesso. Todo o complexo científico deve permanecer em constante seleção e controle. O saber é um recurso auxiliar de vida, mas não a sua própria razão de ser. E assim nos tornaremos mais conseqüentes, proporcionando a ampla massa dos níveis inferiores uma oportunidade de participarem dos benefícios do analfabetismo.” (Bleuel, 1972, p. 153)

É devido à necessidade de propagar informações norteadoras, transpondo as barreiras de classes, que se faz o uso da complexa propaganda ideológica. De forma subtil, ao definir propaganda ideológica, Garcia perpassa pelo conceito de persuasão. A necessidade vista por um regime e transmitida ao propagandista (que, por sua vez, executará essa demanda) é a de persuadir uma sociedade de acordo com uma “versão da realidade”, podendo esta ser correta ou equivocada (segundo os pressupostos de cada indivíduo).

A importância das crianças e dos jovens alemães aderirem às ideias e teorias nazistas para Hitler durante aquele período da história era irrevogável, assim, buscando conhecer qual o papel desempenhado pela educação dispensada a eles durante o Terceiro *Reich*, no sentido de apurar de que forma e até onde a sua influência foi responsável pela modelagem de seus comportamentos.

Transformar aqueles que já se encontravam formados física e intelectualmente se constituía em uma tarefa difícil e praticamente impossível, assim, o cuidado deveria ser transferido para a juventude, que desde a mais tenra idade, deveria ser submetida a uma educação que de fato a moldaria.

[...] Hitler possuía plena consciência da dificuldade de transformar os alemães adultos em nazistas convictos, mas ‘a juventude’, em compensação, pareceu-lhe um eldorado a ser conquistado a qualquer preço. O novo alemão seria formado na idade em que se é realmente maleável.” (Vitkine apud Brandt, 2011, p. 133)

A escola seria o palco ideal para iniciar o trabalho de firmar na mente e nos corações dos jovens esse compromisso com a ideia e, especialmente com os cuidados em relação à preservação da raça, e o Estado deveria assumir o compromisso de conduzir a educação de forma a promover o aprendizado necessário para que esta conscientização em torno da raça se efetivasse de forma precisa e definitiva.

Bartoletti (2006), ressalta esse interesse pelos jovens: “Começo pelos jovens - disse Hitler -Nós, mais velhos, estamos desgastados [...]. Mas meus maravilhosos



jovens! Será que existem melhores no mundo? Olhem para todos esses rapazes e meninos! Que material! Com eles, posso formar um mundo novo.” (p. 14).

Esse trabalho formativo foi executado pelos nazistas com tal maestria que os jovens submetidos a ele, sequer questionavam a sua validade, acreditando piamente que tudo aquilo que vivenciavam e que aprendiam era de fato necessário, a maior e melhor contribuição para as suas vidas. A educação ministrada nas escolas eram deixadas para segundo plano, devido à exigência do Partido de querer todos preparados fisicamente e não intelectualmente.

Os estudantes podiam deixar de assistir a todas as aulas, menos a primeira e a última, onde eles recolhiam essas assinaturas. Quando os estudantes se consideravam virtualmente preparados, depois de anos de estudo, tinham o direito de requerer exames tanto escritos como orais de todas as matérias. (Ziemer, 1943, p. 196)

Eram oferecidas as matérias como: Alemão, Geografia, História, Canto, Ideologia Nazista, Estado e Raça, Ciência Doméstica, Matemática, Eugenia⁵, Saúde e Biologia. No quadro 1, é demonstrado o Horário das aulas semanais ministradas aos jovens de dez a quatorze anos:

Quadro 1 - Horário semanal de Aulas ministradas aos Junvolks.

Períodos	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
8:00 – 8:45	Alemão	Idem	Idem	Idem	Idem	Idem
8:50 – 9:35	Geografia	Historia	Canto	Geografia	História	Canto
9:40 – 10:25	Est. Raça	Historia	Canto	Ideologia	História	Canto
10:25 – 11:00	Recreio, Esportes e Avisos especiais.					
11:00 – 12:05	Ciência Doméstica e Matemática, diariamente.					
12:10 – 12:55	Eugenia, Saúde e Biologia alternadamente.					

Fonte: Aspectos da educação Nazista: Educando para a morte.⁶

Não se preocupavam com a aplicação integral de conteúdos curriculares, justamente por que sabiam que esses jovens estudantes teriam pouco tempo de

⁵ Eugenia - teoria que busca produzir uma seleção nas coletividades humanas, baseada em leis genéticas: Eugenismo.

⁶ Quadro 1 - Aspectos da educação Nazista: Educando para a morte (Ziemer, 1943, p. 205).

estudo devido às batalhas, Ziemer (1943) explica bem este período já na Universidade: “[...] a vida Universitária na Alemanha Nazista, é mais militar que acadêmica. Isso é verdade, mesmo nos Institutos Kaiser Wilhelm, famosos centros de pesquisas científicas em tempos atrás” (p.207).

Hitler e seus instrutores conhecem a psicologia infantil. Desse modo, procuram dirigir todos os seus impulsos naturais, todas as suas emoções apenas despertadas, no sentido que lhes convém e que ficará eternamente gravado em suas almas. O Terceiro *Reich* configurou-se como um período marcado pelo alto grau de violência, de dominação e de submissão do sujeito enquanto indivíduo, a uma nova ordem que então se estabelecia. Onde os interesses se baseavam em prol de um bem maior: o coletivo e, principalmente, em nome dos desejos de um ditador “Adolf Hitler”.

Nesse sentido, a escola tornava-se o palco ideal para iniciar o trabalho de firmar na mente e nos corações dos jovens esse compromisso com a ideia e o Estado deveria assumir o compromisso de conduzir a educação, de forma a promover o aprendizado necessário para que esta conscientização em torno da raça se efetivasse de forma precisa e definitiva. Para Hitler a educação de todo o povo deveria ser dirigida pelo Estado de modo a preparar a infância, “desde os primeiros tempos” (Hitler, 1983, p. 132) para que esta fosse capaz de “enfrentar a luta pela vida” (Hitler, 1983) que a aguardava e que todo o cuidado deveria ser tomado para que não se formasse “uma geração de comodistas” (Hitler, 1983, p. 132). Todo esse trabalho educativo, de acordo as ideias do líder nazista, deveria ter início no lar, sob os cuidados atentos das mães, e continuado pelo Estado.

Koch (1973) relata que, objetivando sintetizar os princípios que deveriam nortear a política nacional-socialista, bem como sua atitude em relação à juventude, Hitler declarou no ano de 1924, de maneira entusiástica, que a grande meta definida para o estado popular constituía-se em orientar o trabalho educacional para “[...] criar e treinar corpos saudáveis. O treinamento das faculdades intelectuais representava apenas um objetivo secundário.” (p. 9) e nisso também deveria ser enfatizado “em primeiro lugar, à modelagem e formação do caráter, sobretudo para desenvolver a força de vontade e a capacidade de tomar decisões, juntamente com pronunciado senso de responsabilidade” (Koch, 1973, p. 9).

Na Figura 1, Hitler parabeniza crianças da JH pelo bom desempenho nas atividades do partido nazista e às confere uma medalha (Cruz de Ferro). A JH possibilitava as crianças e aos adolescentes a oportunidade de saírem do restrito e



sempre subordinado universo infantil – com suas regulações e repreensões – e adentrarem no mundo adulto em igual condição. É certo que na JH, os jovens se encontrariam condicionados a novas e mais rigorosas subordinações, regras de conduta e de comportamento que jamais poderiam ser desrespeitadas, porém, estas se apresentavam sob novas configurações: não era mais a subordinação da criança ao adulto, – dos filhos aos pais, dos alunos aos professores – mas uma subordinação que se efetivava em um mesmo nível, que assumia aspectos adultos, visto que, na JH – independentemente da idade – não haviam crianças, não haviam jovens, todos eram soldados envolvidos e guiados por uma mesma ideia.

Para que o NSDAP⁷ cumprisse com os pressupostos delineados ainda antes de sua ascensão era de extrema importância envidar todos os esforços para imprimir de forma definitiva nas gerações futuras os padrões comportamentais desejados. A escola se encarregava de abrir caminho para essa doutrinação e a JH dava continuidade de uma maneira mais incisiva e permanente.



Figura 1 - Hitler condecorando soldados da Juventude Hitlerista com Cruz de Ferro. Fonte: As Crianças e a Segunda Guerra Mundial ⁸

Analisando as questões relativas a educação idealizada no Terceiro *Reich* para a formação dos jovens alemães, pode-se compreender que esta encontrava-se imbuída de objetivos claros e perfeitamente definidos. A sua concepção estava intimamente atrelada a concepção de mundo teorizada pelos ideólogos nazistas e por

⁷ NSDAP - Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (Alemão: Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei - abreviado NSDAP), mais conhecido como Partido Nazista ou Nazi, foi um partido político de extrema-direita na Alemanha que esteve ativo entre 1920 e 1945.

⁸ Disponível em: < <http://leituraobrigahistoria.blogspot.com.br/2015/10/as-criancas-e-segunda-guerra-mundial.html> > Acesso em: Abril de 2017.

Adolf Hitler, para quem, a educação deveria servir exclusivamente para formar indivíduos fortes, saudáveis e portadores de grande capacidade e coragem para enfrentar desafios e tomar decisões, tendo como premissa o interesse coletivo, apregoado como sendo do *Völk*. No entanto, o interesse que de fato deveriam corresponder e ter como objetivo maior de suas vidas era o interesse do *Führer*.

Outra característica importante para se pensar na ascensão do nazismo refere-se à necessidade intrínseca no povo alemão por um líder; da necessidade de se encontrar sob o comando de um soberano forte o suficiente para exercer o poder em seu nome, por ele e em detrimento dele. Diante destas constatações, pode-se concluir que a ascensão nazista foi possível porque o terreno encontrava-se fértil para o plantio – ou replantio – de ideias preexistentes na mentalidade alemã. Coube aos nazistas apenas a tarefa de reviver e cultivar aquilo que já se encontrava solidamente sedimentado no íntimo de cada indivíduo pertencente à nação alemã.

As teorias – supostamente comprovadas científica e filosoficamente – adotadas e propagadas pelos nazistas contribuíram para fortalecer a convicção da grandeza e da importância do movimento nazista e, principalmente, de seus objetivos. Teorias que, conforme constatado, não eram originais, mas colhidas por Hitler no contexto de sua vivência, bem como nas leituras que faziam parte de seu cotidiano.

Trazendo essa ideologia soldadesca para os dias de hoje, foi realizada uma análise breve sobre a fala de um professor no filme *A Onda*⁹ (título original: *Die Welle*) é um filme alemão de 2008 dirigido por Dennis Gansel e estrelado por Jürgen Vogel, Frederick Lau, Jennifer Ulrich e Max Riemelt. É inspirado no livro homônimo de 1981 do autor americano Todd Strasser e no experimento social da Terceira Onda, realizado pelo professor de história norte-americano Ron Jones. O filme foi produzido por Christian Becker para a Rat Pack Filmproduktion, demonstra que esta possibilidade se encontra mais próxima do que se pode imaginar, e que, mesmo na atualidade, o ser humano ainda se apresenta suscetível à doutrinação e

⁹ Baseado em uma história real o filme "A Onda" mostra como é possível a criação de doutrinas ideológicas em sala de aula, não só no passado, mas atualmente.

O filme que foi adaptado do ensaio *The Third Wave* (A Terceira Onda), do professor de História Ron Jones, no qual relata sua experiência numa escola da Califórnia (EUA), em 1967, na tentativa de explicar na prática como Hitler e o Partido Nazista chegaram ao poder na Alemanha. Tudo acontece em uma semana de aula onde o professor e seus alunos criam o movimento A Onda, tudo a partir de normas de conduta, espírito coletivo, disciplina e a busca de um bem maior. Disponível em: <<http://www.nomundoenolivos.com/2010/08/filmeonda.html>>. Acesso em: 04 mai. 2017.



mais ainda ao desejo de poder. Neste sentido, é bastante sugestiva a fala do professor aos alunos em uma das últimas cenas do filme:

Vocês trocaram sua liberdade pelo luxo de se sentirem superiores. Todos vocês teriam sido bons nazi-fascistas. Certamente iriam vestir uma farda, virar a cabeça e permitir que seus amigos e vizinhos fossem perseguidos e destruídos. O fascismo não é uma coisa que outras pessoas fizeram. Ele está aqui mesmo em todos nós. Vocês perguntaram: como o povo alemão pode ficar impassível enquanto milhares de inocentes¹⁰ seres humanos eram assassinados? Como alegar que não estavam envolvidos? O que faz um povo renegar sua própria história? Pois é assim que a história se repete. Vocês todos vão querer negar o que se passou em “A onda”. Nossa experiência foi um sucesso. Terão ao menos aprendido que somos responsáveis pelos nossos atos? Vocês devem se interrogar o que fazer em vez de seguir cegamente um líder. E que pelo resto de suas vidas nunca permitirão que a vontade de um grupo usurpe seus direitos individuais. Como é difícil ter que suportar que tudo isso não passou de uma grande vontade e de um sonho. (A Onda, 1981)

Esta passou a ser uma de suas principais preocupações, pois, era com os jovens que Hitler pretendia edificar o seu império e por em prática o seu projeto de conquista do mundo; era por eles e com eles que pretendia construir os alicerces de seu *Reich* eterno, que, segundo sua afirmação, durariam mil anos. Para aliciá-los Hitler não poupou esforços, oferecendo exatamente aquilo que desejavam. A perspectiva da mudança, do novo se configurava em um grande fator atrativo. Além disso, outros atrativos se encarregavam de exercer sobre a juventude verdadeiro fascínio: uniformes, marchas, paradas repletas de pompa, acampamentos que proporcionavam agitação e aventura e, sobretudo, poder. O filme, de certa forma retrata na prática como se é fácil manipular ideias e comportamentos na idade juvenil.

O ódio aos judeus, aos negros, aos ciganos, e outras raças consideradas “inferiores”, ajudou a escrever uma história de sofrimento, dor e humilhação, e que de certa forma reflete até os dias de hoje no padrão de comportamento da sociedade contemporânea. Esse reflexo pode ser facilmente constatado quando se trata o avançar da criminalidade neonazista em um país extremamente miscigenado como o Brasil, o que configura ignorância e falta de informação dos que se autodeclararam “neonazistas”.

¹⁰ Pelo menos 6 milhões de judeus foram exterminados pelo nazismo segundo o site Mundo educação : <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/solucao-final-plano-exterminio-dos-judeus.htm>>. Acesso em 18 de Março de 2019.

Neonazismo no Brasil

No início da década de 1980, em meio à ebulição do movimento punk, o movimento neonazista surgiu no Brasil. O contexto socioeconômico do país, marcado pelo enfraquecimento do “milagre econômico” do Regime Militar e consequente perspectiva de um futuro sombrio, facilitou a absorção da influência do movimento neonazista internacional.

Atualmente, existem mais de uma dezena de grupos neonazistas no país, espalhados, sobretudo nos estados de São Paulo (com maior concentração na capital e na região do ABC), Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Distrito Federal e Espírito Santo.

Estes grupos são tradicionalmente divididos em duas vertentes: uma dedicada ao ativismo político e outra mais agressiva, que frequentemente pratica ataques a minorias. Os trabalhadores nordestinos que migraram para o Sudeste em busca de trabalho são frequentemente atacados pelos neonazistas brasileiros.

Apesar de os grupos nazistas brasileiros apresentarem divergências, paradoxos e discórdias relacionadas com a ideologia e objetivos, existem características comuns a todos, destacando-se a apologia à intolerância. Da mesma forma que o movimento internacional, estes grupos propagam ideais ultranacionalistas, xenófobos, discriminatórios e racistas. A ideologia ligada ao nazismo e ao fascismo, seja ela assumida ou dissimulada, também é uma característica comum a quase todos os grupos.

Em uma reportagem especial exibida pelo *Fantástico*¹¹ mostra como imagem na internet – e na vida real – os neonazistas brasileiros e traz a polêmica da publicação no Brasil do livro “Minha Luta”, escrito por Adolf Hitler antes de virar ditador. A obra caiu em domínio público e foi publicada na Alemanha com comentários de especialistas. Um juiz do Rio proibiu duas editoras de publicarem a tradução livro para o português.

A reportagem ainda atualiza a história de crimes cometidos por neonazistas no Rio Grande do Sul e no Paraná.

¹¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/02/grupos-neonazistas-e-admiradores-de-adolf-hitler-espalham-odio-pelo-brasil.html>> Acesso em setembro de 2018.



Na figura 2, sete jovens neonazistas foram presos após agredirem um nordestino no Centro de Niterói. De acordo com a delegada adjunta da 77ª DP (Icaraí), Helen Sardenberg, os jovens — seis homens e uma mulher — tinham tatuagens de suásticas e vestiam camisetas com referências neonazistas. Alguns deles tinham a cabeça raspada. Com o grupo, a polícia encontrou duas facas, um bastão, panfletos e ferramentas usadas para tortura.



Figura 2 - Neonazistas são presos após agredir homem em Niterói.

Fonte: O Globo¹².

O grupo vai responder pelos seguintes crimes: intolerância de cor, raça, etnia, religião e origem e fabricação, comercialização ou veiculação de símbolos, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica para divulgação do nazismo. A delegada informou que os presos também responderão por lesão corporal, formação de quadrilha e corrupção de menores. Segundo a delegada, os crimes são inafiançáveis.

A camada social que levantou o movimento neonazista é constituída, muitas vezes, por jovens que se encontram sem perspectivas, como os desempregados. Então, é disseminada a ideia de que essas circunstâncias são decorrentes dos imigrantes (negros, latinos, turcos, poloneses, etc.). Tal fato não condiz com a realidade, pois os imigrantes realizam trabalhos excluídos pelos nativos, como limpar

¹² O Globo - Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/rio/neonazistas-sao-presos-apos-agredirem-homem-em-niteroi-8230598>> Acesso em outubro de 2018.



vidros, lavar carros, construção civil, lavar pratos, entre outras atividades que rendem baixos salários.

Um dos primeiros grandes analistas deste movimento, o psicólogo comportamental Raphael Ezekiel descreve a preocupação destes grupos com a questão racial:

Para estas pessoas, a resposta está na raça: Eu sou membro da raça branca. Meu povo construiu esta civilização, construiu esta nação. Nós temos a inteligência e a iniciativa para a tarefa. Nosso sangue é diferente e especial. Nossa tradição nos tem sido confiscada, raças inferiores tem confiscado poder através de sua astúcia. Minha raça está próxima da destruição. A maioria do meu povo está enfraquecido e passivo, seduzido e tranqüilizado pelos inimigos. Os inimigos planejam a total destruição do talento da minha raça, seu sangue, através da mistura inter-racial. Por fim, nós ou nossos inimigos serão destruídos. (Ezekiel, 1995, p. 17)

Ezekiel se centrou nos pequenos grupos urbanos de Neonazis e ainda, de grandes líderes, a exemplo de Tom Metzger (o violento, cínico e agitador dirigente da Resistência Ariana Branca) e Richard Butler, líder do movimento Identidade Cristã, sempre pronto a informar que apenas os povos brancos de ascendência europeia são criações divinas, e que negros e judeus descendem da cópula de Eva com animais. Acerca do significado dos discursos destes grupos, Ezekiel afirma:

O centro deste discurso - raça identifica uma essencialidade, definindo qualidade e na qual a raça branca é superior é ao mesmo tempo similar e diferente do que perpassa a mente da maioria dos Americanos brancos. Ele exclui muitos outros caminhos através dos quais as pessoas podem ver uma conexão social ampla: por meio de igrejas, profissões, ocupações, faixa etária, gênero, escolaridade ou classe social. Ele exclui as grandes imagens da comunidade democrática ou das irmandades religiosas que sugerem um futuro além da raça. Ele faz, ao contrário, assemelha a percepção branca majoritária ao denominar raça uma idéia construída no decorrer do tempo por uma sociedade e tendo significância científica pequena uma descrição da realidade significativa biologicamente, e, portanto, um caminho fundamental para categorizar pessoas. Ele assemelha mais ainda a percepção majoritária branca tomando como concessão o sentimento de especialidade e entitamento dos americanos europeus descedentes. (Ezekiel, 1995, p. 22)

Pensar a maneira como estes grupos se valem de um universo simbólico em suas práticas raciais nos coloca, ainda, como este caminho fundamental para



categorizar pessoas, como definiu Ezekiel, permite “[...] um espaço de incorporação de regras, valores, gostos, ideias, símbolos, e neste sentido expressam de forma elucidativa o processo que depende das tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do habitus); ou, em outros termos, ao sistema de separações diferenciais [...]” (apud Bourdieu, 2004, p. 21), sistema reportado pelo mito que o produz e por rituais que asseguram sua manutenção.

No Brasil, houve uma grande repercussão dessas novas políticas econômicas e que foram implementadas pelos governos Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. A privatização da economia brasileira ajudou a aguçar o quadro de desigualdade social que o país tem como uma característica crônica e os grupos neonazistas aparecem como a face de não aceitação mais violenta desse contexto histórico. Outra interpretação para o aparecimento de tais grupos está relacionada a questões identitárias.

Segundo Alexandre de Almeida (2004), eles aparecem como uma forma de reação diante do processo de fragmentação da identidade e de instituições no último quarto do século XX. É interessante observar, ao analisar os dados coletados por Almeida sobre o movimento denominado como Poder Branco, que existe um grande distanciamento do ideário nacional-socialista original.

Segundo ele, sempre pautados na questão da violência e da ação das massas, eles se baseavam no seguinte princípio: a supremacia da raça branca. Porém, ao contrário da ideologia nazista que pensava a raça definido por relações hereditárias, no caso dos neonazistas pertencentes ao Poder Branco, para eles o que basta é a aparência – a tonalidade da pele e a composição do corpo.

Não há como negar que também existem aproximações, como por exemplo, sobre a propagação da ideia que os judeus são o grande problema da sociedade. Enquanto na sociedade do III *Reich* se divulgava que existiria um complô judaico e que esse complô era o responsável pelo quadro de crise econômica e inflacionária que a Alemanha passava, com os representantes do Poder Branco se divulga que os judeus estão infiltrados nas novas mídias globalizadas, televisão, internet, cinema, e que dominam por assim dizer tais meios de comunicação com o objetivo obscuro de destruir a raça “branca”.

A história do nazismo sempre foi regada de argumentos reforçando a superioridade da raça ariana, muitos “neonazistas brasileiros”, nutrem um ódio

injustificado pelos judeus, provavelmente em alusão ao ódio propagado contra estes pelos nazistas na época da Segunda Guerra Mundial. Estes sentimentos vêm se arrastando há várias décadas, e em pleno século XXI ainda existem pessoas dispostas a lutarem pelos mesmos ideais hitlerianos e sendo contrário às leis de igualdade nacional.

Conforme o caput do artigo 5º da Constituição Federal de 1988, “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, [...]”, ou seja, a Carta Magna garante igualdade não apenas para os brasileiros natos ou naturalizados, mas também para os estrangeiros residentes.

O que se observa, infelizmente, no Brasil nos últimos anos é um aumento das divisões sociais, onde fica evidenciada uma nítida separação de regiões em função das características físicas e econômicas do seu povo. Sem dúvida nenhuma, o Brasil é um dos países com o maior percentual de mistura e miscigenação de raças ocorrida no mundo, em função do contexto histórico de escravidão e de imigração.

O Brasil é um país de dimensões continentais, onde ocorreu a miscigenação entre africanos, portugueses, índios, japoneses, italianos, e outros povos de origem europeia, além da recente chegada de haitianos, e africanos, entretanto, apesar das misturas que ocorrera, a descendência do povo africano e indígena foi concentrada na região norte do país.

Os últimos acontecimentos na esfera política e social do país têm demonstrado que ao contrário do que se pensava em décadas, existe uma séria divisão racial e ideológica dentro do povo brasileiro, e que esta divisão, alimentada por um ódio de bases racistas e fascistas, aos poucos a estão fortalecendo os movimentos nacionalistas de características neonazistas, o que ameaça as bases democráticas do Brasil.

O nazismo, independente da Segunda Guerra Mundial e do massacre de milhões de judeus foi um regime totalitário que representou um modelo de fracasso administrativo, baseado de contradições e comandado por um ditador que levou seu próprio povo à ruína, ou seja, para os simpatizantes do nazismo fica evidente o modelo fracassado que foi defendido pelos nazistas.



Muitas contradições podem ser destacadas dentro da própria ideologia nazista original e o do posterior movimento neonazista atual, sendo que se pode citar o fato de que o nazismo teve como base científica o movimento eugenista, que defendia que a humanidade deveria ser “purificada” através de esterilização e da eliminação dos mestiços, dos pobres e dos deficientes mentais, para evitar a “contaminação” de uma determinada “raça superior ariana”, que em determinado momento da história iria comandar o mundo, entretanto a ciência provou que não existe superioridade racial dentro do contexto da humanidade, ou seja, cientificamente ficou provado através de estudos sobre a evolução da espécie humana, da antropologia e da genética, que inexistem raças dentro da raça humana, ou seja, o que existe na verdade é a unidade da raça humana.

Outra contradição é que os nazistas pregavam que o homem “ideal” ariano seria saudável, abstêmio e que seria modelo do “super-homem”.

Infelizmente, os atos criminosos cometidos no Brasil sob inspiração nazista incluindo a crescente manifestação de cinho racista e de exaltação a xenofobia nas redes sociais. As autoridades do poder judiciário, do poder executivo e os representantes do povo através do poder legislativo devem combater de forma agressiva qualquer manifestação de incitação ao ódio racial e de cinho nazista no território brasileiro, impedindo que esta semente de ódio e intolerância não seja plantada na mente de nossas crianças, e que fique sempre nítido para todos os povos do mundo a imagem do povo brasileiro como um povo tolerante, amigável e acolhedor.

Para pensar no nazismo e, principalmente, em sua ascensão, é importante ter em mente que o passado histórico e a constituição da cultura de um povo não podem ser ignorados, pois estes se configuram em marcas impregnadas nas consciências e exercem papel fundamental no decorrer de todos os processos que se desenrolam no futuro. A contribuição que se pretendeu oferecer, por meio da contextualização dos mecanismos e diretrizes educacionais nazistas, foi trazer ao conhecimento de um público maior materiais que normalmente não se encontram em fácil acesso, no sentido de provocar a reflexão, instigando aos educadores a pensar e repensar suas práticas na atualidade, dentro e fora das salas de aula, de forma a fazê-los analisar as propostas e conteúdos de ensino que lhes chegam às mãos antes de assumi-los e retransmiti-los, para que não permitam a sua vinculação com qualquer espécie de

ideologia que possa ser responsável pela reprodução, mesmo que parcial, de uma educação voltada para a alienação e para a dominação.

O Estado tem o dever de assegurar a educação a todos os cidadãos, sem qualquer tipo de restrição, porém, é necessário estar atento para que esta educação esteja de fato voltada para a formação do indivíduo enquanto sujeito ético, crítico e comprometido com a construção de um mundo melhor e mais digno para todos. As pesquisas ofereceram argumentos que possibilitaram a compreensão acerca do tema proposto, porém, ainda há muito a se conhecer e a se refletir, principalmente, se for considerado que o nazismo não se manteve distante das terras brasileiras, ao contrário, ele esteve junto dos brasileiros.

A educação não os ensinou a pensar; o seu único objetivo era ensinar a ouvir e a obedecer sem questionar. Felizmente, alguns desses jovens conseguiram – por encontrarem um ambiente familiar favorável – visualizar um pouco daquilo que se escondia por traz da pompa e da glória prometida pelos nazistas e desertaram, porém, a grande maioria permaneceu até o final na mais completa cegueira.

Conclusões Finais

No decorrer das pesquisas para o levantamento de informações, as revelações foram se avolumando, se transformando em um verdadeiro emaranhado de indagações. As pesquisas ofereceram possibilidades, porém, são apenas possibilidades não conclusivas e que pedem ainda, maiores e mais apuradas reflexões.

Os estudos dos autores que versam sobre o período nazista permitiram constatar que a Alemanha, na figura de seu povo, seguia e confiavam em Hitler e na doutrina por ele edificada; acreditavam que ele, de fato, encontrava-se revestido de um poder divino que o tornava capaz de conduzir a nação de forma a acabar com todos os sofrimentos que ora experimentavam, alcançando finalmente, a glória há muito desejada. Nem mesmo as crianças e os jovens adolescentes escapavam a esta convicção, se envolvendo de corpo e alma na defesa da causa nazista.

Adolf Hitler, amparado por seus fiéis seguidores, possuía plena consciência desta convicção e, conforme constatado nos estudos realizados, a explorou com maestria, de todas as formas imagináveis. Hitler e seus instrutores conhecem a psicologia infantil. Desse modo procuram dirigir todos os seus impulsos naturais, todas



as suas emoções apenas despertadas, no sentido que lhes convém e que ficará eternamente gravado em suas almas.

O Terceiro *Reich* configurou-se como um período marcado pelo alto grau de violência, de dominação e de submissão do sujeito enquanto indivíduo, a uma nova ordem que então se estabelecia. Onde os interesses se baseavam em prol de um bem maior: o coletivo e, principalmente, em nome dos desejos de um ditador “Adolf Hitler”.

Ao comparar o movimento da juventude nazista, a chamada *Hitlerjugend* (Juventude Hitlerista) que teve sua expressão no Brasil nos anos 30 e 40 e os movimentos neonazistas dos anos 80 e 90 é perceptível que eles tem mais pontos de divergência do que de convergência. Para não se equipar tais fenômenos é importante associá-los ao contexto histórico que pertencem e cuja maior similitude é a questão da crise econômica. Porém, no caso do nazismo, esse se encontrou com poder de Estado no seu país de origem (na Alemanha) enquanto que o neonazismo se apresenta como iniciativas isoladas de ação, sem muitas estratégias e desejos de se tomar o poder.

Acreditamos, para concluir, que o ressurgimento dos movimentos de extrema-direita nas sociedades latino-americanas, como no caso do Brasil, deve ser combatido com diversas políticas públicas que visem a rememoração dos acontecimentos relacionados à Segunda Grande Guerra, em especial, o Shoah. Em termos de políticas públicas de memória no Brasil, tais tentativas são, no entanto, ainda incipientes e não há uma política de memória de cunho nacional com tal objetivo. Um primeiro caminho seria fazer uma avaliação de tais movimentos extremistas para saber sua verticalidade no seio da sociedade brasileira, para depois pensarmos em estratégias para combatê-los.

A doutrinação política e ideológica em sala de aula ofende a liberdade de consciência do estudante; afronta o princípio da neutralidade política e ideológica do Estado; e ameaça o próprio regime democrático, na medida em que instrumentaliza o sistema de ensino com o objetivo de desequilibrar o jogo político em favor de um dos competidores.

Assim, pode-se compreender que a educação nazista cumpriu o papel que lhe fora atribuído, se encarregando de impregnar as mentalidades infantis e juvenis de forma definitiva, fez dos educandos “bons nazistas” durante aquele período de guerra.

Referências Bibliográficas

- A ONDA (The wave) (1981). Direção de Alex Grasshof. Roteiro de Dennis Gansel e Todd Strasser. (Interpretação de Bruce Davison, Lon Lethins, John Putch, Jonny Doran, Pasha Gruay, Valery Ann Pfening. EUA: Constantin Films. 1 DVD (101 min.)
- Almeida, A. (2004). *Skinheads: os “mitos ordenadores” do Poder Branco paulista*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Arendt, H. (2009). *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa (6ª ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Bartolleti, S. C. (2005). *Hitler Youth: Growing up in Hitler's shadow*. New York: Scholastic Nonfiction.
- Bleuel, H. P. (1972). *O sexo na Alemanha Nazista*. Tradução de Theobaldo de Souza. Rio de Janeiro: Senegra.
- Brandt, C. A. (2011). *Regime nazista: as teorias ideológicas e educacionais moldando a formação do indivíduo nazi*. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, Brasil.
- Bourdieu, P. (2004). *Razões Práticas . Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus.
- Chauí, M. de S. (2003). *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense.
- Ezekiel, R. (1995). *The Racist Mind*. New York: Penguin Books.
- Ferreira, A. B. de H. (2001). *Mini Aurélio Século XXI Escolar: O Miniaurélio da língua portuguesa* (4.ªed.). Rio de Janeiro: Editora Margarida dos Anjos.
- Hannoun, H. (1997). *O nazismo: Educação? Domesticação... Fundamentos Ideológicos da formação nazi*. Tradução de Fátima e Carlos Gaspar. Lisboa: Instituto Piaget.
- Herridge, C. (1990). *Segunda Guerra Mundial – Histórias Fotográficas do Grande Conflito*. São Paulo: Editora Círculo do Livro S.A.
- Hitler, A. (1983). *Minha luta: Mein Kampf*. São Paulo: Editora Moraes.
- Koch, H. W. (1973). *A juventude hitlerista: Mocidade traída*. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Ed. Renes.
- Masuko, M. H. (2006). *Manual de Ensino e Técnicas Avançadas*. São Paulo: Editora Didática Paulista.
- Mondore, A. (1975). *Vultos do Século XX-O Julgamento da História*. São Paulo: Editora Comp. Melhoramentos de São Paulo.



Severino, A. J. (1986). *Educação, Ideologia e contra-ideologia*. São Paulo: EPU.

Ziemer, G. (1943). *Educando para a Morte (Aspectos da Educação Nazista)*. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada.